

Visita a Babau e Givaldo na Penitenciária Federal de Segurança Máxima

Saulo Ferreira Feitosa

Chegamos a Mossoró, cidade localizada numa faixa de transição entre o litoral e o sertão do Rio Grande do Norte, ao entardecer do dia 15 de junho. Tudo era festa, a seleção brasileira acabara de estreiar na Copa do Mundo e vencera a Coréia do Norte. Parecia que todas as pessoas haviam saído às ruas, era uma multidão em verde-amarelo.

Luciano (Luciano Ribeiro Falcão, jovem advogado de causas populares) e eu parecíamos dois estranhos no ninho: não havíamos assistido ao jogo do Brasil, não vestíamos verde-amarelo e nem trazíamos no rosto qualquer expressão festiva. Estávamos tomados pela ansiedade de no dia seguinte poder visitar os irmãos Babau e Givaldo, dois importantes guerreiros do Povo Tupinambá, vítimas de uma grande e bem montada trama persecutória, razão pela qual se encontravam aprisionados na Penitenciária Federal de Segurança Máxima, localizada a poucos quilômetros de Mossoró. Não encontrava justificativa para o fato de estarem cumprindo uma injusta prisão preventiva em um ambiente destinado a abrigar presos considerados de alta periculosidade.

No dia seguinte, 16 de junho, despertamos muito cedo. Nossa intenção era encontrarmos um computador com impressora para acessarmos notícias na internet referentes à prisão deles, bem como da outra e ainda mais absurda prisão de sua irmã Glicéria juntamente com Erúthawã, seu filhinho de apenas dois meses, ocorrida no dia 3 do mês em curso, fato até então desconhecido pelos dois. No próprio hotel conseguimos fazer as impressões. Produzimos assim um clipping no intuito de atualizá-los sobre o que estava ocorrendo extramuros durante os três meses em que se encontravam privados de informações. Saímos em direção à penitenciária, como Luciano já a conhecia procurava me preparar psicologicamente para enfrentar o constrangimento ao qual seria submetido ao adentrar aquele espaço. Descreveu-me o lugar como uma espécie de prisão hollywoodiana. Imediatamente veio-me à mente a lendária fortaleza de Alcatraz que logo após ser transformada em um complexo penitenciário “serviu de cadeia para muitos indígenas marginalizados pelo processo de expansão norte-americano”. E lá estávamos nós, numa manhã sertaneja de sol ardente, em meio à vegetação da caatinga a contemplar a contrastante arquitetura daquela imponente fortificação com centenas de câmeras a nos observar, cercada por gigantescas grades de ferro e arame farpado, com grandiosas portas de aço, protegida por agentes fortemente armados. Em conversa com o diretor do presídio, Dr. Kércio Pinto, Luciano procura saber por que Babau e Givaldo ainda permanecem presos visto que no dia 08/06/2010, o Tribunal Regional Federal da 1ª Região, em Brasília, julgou o processo nº 0014723-10.2010.4.01.0000 / BA e decidiu por maioria conceder a ordem de habeas corpus para eles. O diretor responde que embora tenha recebido a ordem para libertá-los, fora informado pela Polícia Federal que havia outro mandado de prisão contra os mesmos, dessa vez concedido pelo juiz da Comarca de Buerarema na Bahia. Estamos prestes a ultrapassar a última porta (23 no total segundo Luciano) antes de chegarmos ao parlatório, quando esta se abre avistamos do outro lado da parede de vidro Babau e Gil de pescoços curiosamente esticados no intuito de identificar quem seriam seus visitantes. Ao nos reconhecerem começam a saltitar na mais ingênua expressão pueril, de riso largo e polegares erguidos indicando que está tudo bem. O uniforme do presídio, parecido com aqueles das escolas públicas, os deixa ainda mais com cara de meninos. Mais uma porta se fecha atrás de nós. Agora somos quatro

presos, dois de cada lado, os de cá em situação confortável de visitante, os do outro lado privados da liberdade. Temos direito a 60 minutos de conversa, a resistente parede de vidro garante o isolamento acústico dos dois recintos, nosso diálogo ocorrerá através de um único interfone que passa a ser disputado por nós quatro. Começo a falar com Babau e peço-lhe desculpas por ter demorado tanto a visitá-los, interrompe-me dizendo-me que o tempo todo nós estamos presentes em seu coração, que ele e Gil sabem que há muitos amigos lá fora lutando por suas liberdades. Falo de minha surpresa em perceber tanta alegria nos dois, responde-me não haver motivo para tristeza, por que apenas os corpos podem ficar aprisionados, mas os espíritos são livres, não existem cadeias para eles, que a todo momento são visitados pelos encantados, pois esses não precisam de autorização para entrar no presídio, não se submetem a nenhuma ordem terrestre, que foram os encantados que mandaram os Tupinambá lutar por suas terras, que o território Tupinambá é lugar de morada dos encantados, por isso não podem abrir mão de nenhum palmo de terra por mais difícil que seja a luta e assim continua a falar. Suas palavras soavam-me como a maior expressão de fé e sabedoria. Mas eu infelizmente era portador de mais uma má notícia, informei-lhe sobre a prisão de Glicéria e Erúthawã, sobrinho que ainda não teve o privilégio de conhecer por já se encontrar preso quando ele nasceu. Reage indignado, pergunta-me o motivo, explico tratar-se do episódio envolvendo um veículo da Companhia de Energia Elétrica da Bahia e ele passa-me a relatar em detalhes o ocorrido, a verdadeira versão dos fatos. Mas tínhamos que correr contra o tempo, os minutos se passavam, em seguida falei com Givaldo que expressava as mesmas convicções do irmão e trazia no rosto a mesma expressão de alegria. Aquele momento era também uma oportunidade para os dois se encontrarem, pois são mantidos em celas separadas e por questão de segurança se recusam a participar do banho de sol junto com os outros prisioneiros. Agora é a vez de Luciano, ele conversa com os dois, pergunta como estão sendo tratados, traz informações sobre processos e uma possível transferência deles, faz anotações dos relatos de Babau e Gil. Quer saber quantos livros a mais Gil havia lido, pois em sua visita anterior já estava no 18º, ele responde que leu mais cinco, o advogado vibra com o bom desempenho de seu cliente. Por um momento parece não haver mais parede a nos separar, a comunicação flui de várias formas, expressões corporais, leitura labial, o pouco tempo é otimizado, os do lado de cá somos contagiados pela energia dos que estão no outro lado. Luciano havia solicitado ao diretor a autorização para nos encontrarmos num espaço onde nos fosse permitido “apertos de mãos e abraços para haver trocas de energia”, a solicitação foi negada, mas isso não impediu a comunicação energética. Se as paredes não impedem a entrada dos encantados, também não podem impedir a passagem da força por eles transmitida. De repente alguém bate à porta e informa que nosso tempo acabou.

Deixamos a Alcatraz Sertaneja em direção a Natal, por volta das 17 horas, encontrávamos-nos a cerca de 60 km da capital quando o celular de Luciano toca, era o diretor do presídio informando-lhe ter recebido ordens do Dr. Ivan Lira, juiz corregedor, para por Babau e Givaldo imediatamente em liberdade, devendo o mesmo retornar a Mossoró para receber seus clientes. Automaticamente Luciano manobra o veículo em sentido contrário, iniciávamos mais uma jornada de quatro horas. Eram aproximadamente 21 horas quando chegamos outra vez à penitenciária. Observamos um movimento estranho, vários carros na porta e alguns policiais federais, descemos e nos aproximamos. Do lado de dentro da cerca, avistamos um veículo da Polícia Federal com vidros escuros, impossível ver seu interior, suspeitamos que Babau e Gil já estivessem lá dentro. Poucos minutos depois, a viatura passa ao nosso lado, nossa entrada é autorizada e vamos, mais uma vez, à sala do diretor. Lá encontramos o Delegado da Polícia Federal que estava no comando da

operação. Luciano pede explicação e novamente externa suas críticas questionando a legalidade do ato, o delegado afirma estar agindo dentro da lei, o diretor da penitenciária se desculpa afirmando também ter sido surpreendido e que o cumprimento do mandado de prisão por parte da PF ocorrera poucos minutos antes, não tendo tempo para comunicar ao advogado. Somos então informados que Babau e Gil naquele momento estavam sendo transferidos para a carceragem da PF em Natal, devendo depois ser encaminhados para um outro local. Esse relato (integralmente em: www.cimi.org.br) é um depoimento testemunhal, motivado pelo desejo de registrar os acontecimentos e partilhar com os amigos e amigas que conosco sonham e lutam por um mundo mais justo. É também mais uma oportunidade de reafirmar nossa Utopia Libertadora na Certeza de que Dias Melhores Virão.

Brasília, junho de 2010.